

CHINA: PARA UMA NOVA RECONFIGURAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO OU AINDA O ANTROPOCENO?

ANDRÉ FELIPE LIMA COSTA¹¹

RESUMO

Este artigo analisa a influência e os aspectos do desenvolvimento econômico da China na óptica do capitalismo de exploração caracterizador do Antropoceno, o viés do *homo economicus* que caracteriza a espécie humana pós-Revolução Industrial. Serão analisados os desdobramentos e uma nova hegemonia que surge no século XXI para rivalizar com a outra potência posta do século XX, os Estados Unidos da América. Nesse diapasão, ver-se-á como a China estará disposta a contribuir num novo modelo de produção que preserve o planeta dessa exploração desmedida pela cultura do consumismo. A Economia Circular se apresenta como uma alternativa, mas até que ponto poderia ser uma alternativa ou apenas um paliativo. No entanto, não se sabe como a economia chinesa estaria disposta a contribuir com essa quebra de paradigma na economia, já que apesar de possuir um regime político centralizado, desenvolve uma espécie de neoliberalismo híbrido que mantém os mesmos níveis exploratórios aos recursos naturais para sustentar os ditames econômicos. Apresenta-se também a problemática da crise econômica estrutural do sistema capitalista, os aspectos e desdobramentos da financeirização do mercado e as suas consequências e impacto nos direitos e conquistas trabalhistas. Demonstra-se também o flagelamento da classe trabalhadora, que enfrenta a robotização das funções e o conceito de empreendedorismo, mascarando uma relação de trabalho precarizada, e o cuidado de não transformar a tecnologia na causadora da precarização nas relações de trabalho. Uma nova hegemonia surge e o desafio que será demonstrado residirá na construção de novas culturas de desenvolvimento econômico, colocando o planeta no centro e no cerne do debate, e não apenas a espécie humana. É um desafio à altura da cultura milenar chinesa, e de como se irão equilibrar as necessidades do Estado e as vontades do mercado.

Palavras-chave: desenvolvimento econômico; China; economia circular; precarização das relações de trabalho; crise estrutural do sistema capitalista.

ABSTRACT

This article analyzes the influence and aspects of China's economic development from the perspective of Anthropocene exploitation capitalism, the homo economicus bias that characterizes a post-Industrial Revolution species. He will run the developments and a new gemony that emerges in the 21st century to rival another post-20th century power, in the United States of America. In this vein, it will be seen how China will contribute to a new production model in which it preserves the excessive exploitation of the planet by the culture of consumerism. The Circular Economy presents itself as an alternative, but it can even be an alternative or just a palliative. As the Chinese economic economy of available natural resources will contribute to this regime breakdown, the centralized Communist

¹¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Pernambuco.

Party can already develop a variety of hybrid exploitative levels that maintain the same exploitative levels, economic. It also presents an economic problem of the structural crisis of the capitalist system, the aspects and consequences of the financialization of the market and its consequences and impacts on labor rights and achievements. It also demonstrates the flagellation of the working class that faces the robotization of functions and the concept of entrepreneurship masking a precarious work relationship, and the caregiver of not transforming technology into the cause of precariousness in work relationships. A new hegemony and the challenge that will be demonstrate will reside in the cultures of economic development, not being planned only at the center of the debate and in the human species. It is a challenge at the height of the ancient Chinese culture, and how it will balance itself according to the State and the will of the market.

Keywords: *economic development; China; circular economy; precariousness of labor relations; structural crisis of the capitalist system.*

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem como tema a reflexão se o desenvolvimento econômico que desponta na China segue um novo rumo, conectado aos reclames da natureza ou optou pela mesma dinâmica produtiva de consumo e de exploração dos recursos naturais que marcam o período pós-Revolução Industrial, também conhecido como Antropoceno, em que a espécie humana se coloca na frente de tudo. Nessas duas primeiras décadas do século XXI, o mundo enfrenta consideráveis mudanças na geopolítica mundial, inclusive a se falar numa nova ordem¹², alicerçada por um multipolarismo, capitaneado pela China e Rússia, vencendo um período unipolar de protagonismo dos Estados Unidos que marcou sobremaneira o final do século XX com a derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Diferentemente do que se imaginava, a China, num curto espaço, passou a dominar a alta prospecção tecnológica. Se antes seus produtos no mercado global eram tidos com desconfiança, já não mais se duvida de que a sua cadeia produtiva de bens duráveis e não duráveis disputará em capacidade de igualdade com qualquer outro eixo produtivo transnacional. Em comparação com outros países, o que faz da China um ativo sempre em ascensão é a sua capacidade de produção em larga escala.

Num país de uma população com mais de um bilhão de habitantes, a sua demanda de

¹² Há um novo panorama na geopolítica mundial com o renascimento da Ásia Oriental, com a China se colocando como a potência econômica mundial do século XXI. Ademais, a Rússia, o maior país em extensão do mundo, recompôs-se militarmente e busca rotas alternativas em parceria com a China e outros países emergentes. ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI. 2ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 17.

mão de obra produtiva faz do seu parque industrial uma vantagem difícil de concorrer. Além disso, o estímulo e fomento à pesquisa e tecnologia deram aos chineses o seu próprio “Vale do Silício”¹³, a cidade de Shenzhen.

Com um regime político centralizado, a China impõe ao mundo ocidental novos paradigmas quanto ao manuseio do capitalismo. Na perspectiva cultura oriental chinesa, a democracia liberal aparenta não ter efeito e o sistema neoliberal se adequa a um controle estatal por parte do governo chinês na iniciativa privada pouco usual para os padrões do Ocidente.

Diante de todo esse contexto, será que a China realmente se difere das práticas de desenvolvimento econômico de outros potentes econômicos mundiais ou apenas se reveste de algumas nuances diferentes, mas segue a mesma cartilha neoliberal vista e já conhecida desse fenômeno da globalização mundo afora? Será que a relação de consumo com os recursos naturais se difere das práticas de outros países? As relações de trabalho chinesas atendem a um princípio de maior proteção à classe trabalhadora?

Para melhor compreensão do tema proposto, o presente estudo está estruturado em cinco tópicos. No primeiro, abordar-se-ão os aspectos da China comunista com práticas capitalistas. O que de fato influi do regime político comunista no desenvolvimento do capitalismo ao ponto de ter se desenvolvido um neoliberalismo improvável à sua conceituação mais genuína. Ver-se-á como se criaram uma burguesia e uma casta de bilionários chineses e como isso é visto para uma mudança comportamental na relação consumo, produção e recursos naturais.

No segundo tópico, debater-se-á se o capitalismo na China atende a um perfil mais de economia circular ou linear. Como o antropoceno pode ser dimensionado numa sociedade de cultura milenar que cada vez mais se coloca no afã do consumo e do materialismo caracterizador neoliberal. Como o mercado de trabalho foi afetado e sofre uma demanda considerável de desemprego ao redor do mundo e soluções neoliberais, leiam-se retiradas de direitos trabalhistas visando a baratear os custos de produção para o lucro não ser afetado sobremaneira.

No terceiro tópico, destrinchar-se-á o comunismo neoliberal chinês. Como o governo chinês interfere nas camadas produtivas industriais, direcionando nos moldes de uma economia planejada as produções de larga escala em cada setor da atividade econômica. Apesar do controle exercido nas empresas privadas pelo Estado, não se faz sentir falta da mão invisível do mercado para os lucros se expandirem. Como a robotização modifica não somente os direitos da classe trabalhadora, como também reconfigura toda a dinâmica de postos de trabalho, com a modificação, criação e até extinção de determinados postos de trabalho.

¹³ Região na Califórnia que concentra uma expressiva demanda de empresas no ramo de tecnologia.

No quarto tópico, o enfoque será a precarização das relações de trabalho e as suas consequências para a classe trabalhadora. O empreendedorismo é utilizado como o mito de que cada um trabalha para si e como os direitos trabalhistas são percebidos em mercado laboral chinês. A tecnologia altera a dinâmica da prestação de serviço e se torna a causa quando na verdade é a consequência da lógica neoliberal. Como a robotização e a automatização reconfiguram a dinâmica de postos de trabalho na maior produção em larga escala mundial.

No quinto tópico, apresentar-se-á a conclusão da construção das ideias que cercarão todo o debate do tema esmiuçado no cotidiano chinês, os seus impactos e desdobramentos perante o mundo.

2 A ECONOMIA LINEAR E O ANTROPOCENO CHINÊS

Os meios de produção e modos de produção no sistema capitalista sabidamente são os mecanismos que simbolizam a disputa de narrativa com a corrente socialista. O controle privado dos meios de produção e as fases tayloristas, fordistas e toyotistas dos modos de produção representam a síntese da dinâmica liberal. Nesse panorama se deu a construção do mercado, regendo a economia dos interesses privados.

Os interesses privados impulsionados pelo lucro agem invariavelmente com uma despreocupação ao acúmulo de concentração de riqueza, repelindo à maioria a possibilidade de um consumo padrão proporcional, pois o acesso restrito à produção de bens duráveis e não duráveis coloca a força de trabalho marginalizada na possibilidade de adquirir o que produzem, trazendo ao sistema econômico capitalista o gargalo entre produção de riqueza e a geração de desigualdade.

Nessa acepção de controle econômico, a lógica da produção regida pelo consumo trouxe uma pedagogia do consumir muitas vezes sem observar a necessidade. Tal presságio se faz importante mencionar, pois a economia, para funcionar, impõe uma exploração aos recursos naturais insustentáveis devido à sua finitude. Esse modelo é conhecido como economia linear.

A economia linear é a síntese da política econômica pautada no consumo e exploração dos recursos naturais de maneira desequilibrada e que se firmou pós-Revolução Industrial nos últimos duzentos anos. O meio de produção dirigido no âmbito privado e os modos de produção capitalistas formam um binômio que traz a insensatez do não se pensar no amanhã.

Na visão de André Gorz,

*hoje, a falta de realismo não consiste mais em defender um maior bem-estar através da inversão do crescimento e da subversão do modo de vida prevalente. A falta de realismo consiste em imaginar que o crescimento econômico ainda pode trazer maior bem-estar humano e, de fato, que ainda é fisicamente possível.*¹⁴

A economia linear, como ambiente de desenvolvimento do capitalismo, produto da Revolução Industrial, tem demonstrado que não mais atende às demandas do século XXI. A pauta ambiental saiu de posição coadjuvante para ocupar o palco principal dos debates globais entre as nações. Não há como pensar na manutenção da vida sem rezar por cartilhas em que o meio ambiente seja prioridade.

Nesse contexto, a configuração geopolítica internacional passa a ser uma importância vital de como o capitalismo e a economia irão se desenvolver. É exatamente nessa questão que entra em cena a China, e assim importante se faz pontuar algumas questões históricas acerca desse país:

*A escala chinesa não era muito superior à dos Estados europeus apenas em população e território; até a Revolução Industrial, a China era muito mais rica. Unida por um vasto sistema de canais que ligavam os grandes rios e centros populacionais, a China foi por séculos a economia mais produtiva do mundo e a região do comércio mais populosa. Mas, por ela ser amplamente autossuficiente, outras regiões tinham uma compreensão apenas periférica de sua vastidão e riqueza. Na verdade, a China produzia uma parcela maior do PIB [Produto Interno Bruto] mundial total do que qualquer sociedade ocidental em 18 dos últimos vinte séculos. Ainda em 1820, ela produziu mais de 30% do PIB mundial - quantidade que ultrapassava o PIB da Europa Ocidental, da Europa Oriental e dos Estados Unidos combinados.*¹⁵

O panorama histórico trazido demonstra que o protagonismo atual da China no século XXI não é casual. A China, como país de cultura milenar, novamente se coloca na dianteira da geopolítica internacional. Expõe contradições, digam-se, exóticas, como adotar um regime político centralizado pelo partido comunista chinês, mas, surpreendentemente, dominar e implementar um capitalismo sob medida às peculiaridades do Estado chinês.

A China comunista aceita e se utiliza do neoliberalismo, mas sem transgredir por inteiro os seus aspectos culturais. Enquanto no restante dos países a política neoliberal tem como modelo teórico e de práxis trazer para um pequeno grupo oligárquico o controle econômico do Estado, os chineses impescindem do direcionamento estatal da economia. As empresas e multinacionais chinesas obedecem à cartilha do Estado chinês, não tendo

¹⁴ GORZ, A. Ecologia como política. South End Press: Boston, 1980.

¹⁵ KISSINGER, Henry. Sobre a China. 6ª reimpressão. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020. p. 29.

um Estado “pra chamar de seu”.

Interessante se faz notar que o neoliberalismo tem como característica de modelo econômico ter uma relação nociva com a democracia liberal burguesa nos países em desenvolvimento. Como a política neoliberal é regida pelos interesses dos potentados econômicos privados, o Estado passa a ser guiado exatamente por esses interesses, assim a democracia em alguns casos passa a ser um empecilho à economia. Tais interesses se colocam sem compromisso com o estado de bem-estar social, atacando, com isso, os direitos prestacionais.

Rubens Casara percebe que Estado Democrático de Direito, quando possui os direitos fundamentais em sua plena atividade e efetividade, torna-se um inibidor ao aparecimento do autoritarismo. O modelo neoliberal não se comove em erigir uma espécie de Estado Pós-Democrático, chancela o autoritarismo necessário para desidratar os direitos fundamentais em obediência às necessidades e vontades do mercado.¹⁶

A China não é pautada por uma democracia liberal burguesa, vive, como já foi dito, um regime centralizado. Ironicamente, apesar da sua política ser regida por um partido comunista, os conglomerados econômicos ajustam a cartilha neoliberal às especificidades chinesas, pois mesmo saindo de script normal de modus operandi, a capacidade de produção em larga escala do mercado chinês traz um custo-benefício viável para que as multinacionais lá atuem mesmo à margem das suas condições das relações que desenvolvem com outros países.

Nessa toada, a dinâmica do desenvolvimento econômico chinês, apesar das suas peculiaridades, seguiu um neoliberalismo sob encomenda, porém não afastado da lógica da denominada economia linear. As indústrias chinesas vão na mesma linha de qualquer grande polo produtor industrial do Ocidente. Poluição e degradação do meio ambiente fazem parte desse pacote nada recomendável ao pretendido desenvolvimento sustentável.

No seu 13º plano de política quinquenal (2016-2020), o governo chinês foi taxativo em priorizar uma produção industrial de baixo carbono, como se pode asseverar:

- *Inovação como estratégia para se alcançar o desenvolvimento econômico e social.*
- *Apoio ao desenvolvimento da manufatura avançada.*
- *Foco nas indústrias emergentes, dentre as quais biotecnologia, indústria de baixo carbono, tecnologias da informação e novos materiais; e nas estratégicas, como*

¹⁶ CASARA, Rubens R. R. Estado Pós-Democrático, Neo Obscurantismo e Gestão dos Indesejáveis. 3. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018. p. 89-90.

aeroespacial, nuclear e ciências da vida.17

A preocupação do governo chinês nas indústrias de baixo carbono denota um sinal de atenção aos reclames da política ambiental. Como um país que novamente emerge como potência a trazer o mundo para uma multipolaridade, depois de um período de trinta anos de hegemonia norte-americana dos Estados Unidos após a queda da URSS (1922-1991)¹⁸, seria contraproducente adentrar numa disputa pelo mercado global, sem fazer uso exatamente de um traço cultural chinês, a análise a longo prazo.

Não há como pensar em largo espaço de tempo, dialogar com o futuro sem atentar para as necessidades climáticas e ambientais. E dentro do capitalismo, uma das alternativas que se apresentam é então denominada economia circular, que na última década aparece como um conceito difundido no discurso empresarial e político ao redor do mundo, substituindo o jargão amplamente conhecido “desenvolvimento sustentável”.

Embora o termo Economia Circular tenha surgido no ambiente acadêmico, com o passar do tempo adquiriu um sentido mais amplo, abrangendo diferentes significados. Saiu de um prisma mais ecológico industrial e entrou num campo de disputa por diversas agendas de ideologias concorrentes.¹⁹ A Economia Circular seria uma nova maneira de propagar a cultura da sustentabilidade ambiental na dicotomia sistemas ecológicos e as atividades econômicas.²⁰

É dentro desse panorama que se tem de entender o animus chinês em realçar a sua economia dentro de tratativas que não simplesmente repliquem esse modo de produção industrial linear, pautado num consumo que tanto dano provoca ao meio ambiente. Não parece crível acreditar que toda uma lógica de demanda industrial em larga escala refreará e buscará uma economia que dialogue mais com as necessidades ambientais.

A China é a maior consumidora de carvão e a maior produtora de CO₂ (gás carbônico), nos termos absolutos, porém importante ressaltar que essa métrica utilizada não coloca a China como o país mais poluidor do mundo, pois na análise por poluição per capita a China cai para a sétima posição entre os países que mais poluem. No relatório da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), até 2030, caso medidas de contenção não sejam adotadas, o montante de gases de efeito estufa (GEE) produzido pelo país chinês será

17 ARBIX, Glauco; MIRANDA, Zil; TOLEDO, Demetrio; ZANCUL, Eduardo. Made in China 2025 e Industrie 4.0. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 30, n. 3, 2018. p. 7.

18 LOSURDO, Domenico. Fuga da História? A Revolução Russa e a Revolução Chinesa Vistas de Hoje. 2ª Reimpressão. Tradução de Luiz Mario Gazzaneo e Carolina Muranaka Saliba. Rio de Janeiro: Renavan, 2004, fev. 2020. p. 28.

19 RIP, Arie; VOB, Jan-Peter. Umbrella Terms as Mediators in the Governance of emerging Science and Technology. Science, Technology and Inovador Studies., 9, p. 39-59, 2013.

20 GHISELLINI, Patrizia; CIALANI, Catia; ULGIATI, Sergio. Uma revisão sobre economia circular: a transição esperada para uma interação equilibrada dos sistemas ambientais e econômicos. J. Limpeza. Prod., v. 114, p. 11-32, 2016. <https://doi.org/10.1016/J.JCLEPRO.2015.09.007>

o dobro do montante total produzido pelos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).²¹ Não é um número a ser comemorado.

O cenário não é muito positivo e, caso medidas não sejam adotadas, Hung e Tsai afirmam que num futuro próximo a China pode enfrentar os seguintes prognósticos:

Os desafios incluem o derretimento das geleiras, especialmente no Tibete e Tianshan; perda na produção agrícola, que pode diminuir em até 10% até 2030; aumento do número de secas, tempestades, inundações e desastres naturais causados pelo clima extremo; elevação do nível do mar que vai afetar até 67 milhões de pessoas; e a exposição de outros 40% da população mundial à ameaça de um desastre natural. Tendo em conta que a China abriga uma enorme população de 1,3 bilhão de pessoas, recursos decrescentes, os problemas de poluição graves e uma economia em rápido crescimento - fatores típicos de um dilema de desenvolvimento -, o custo potencial da mudança climática para a China é extremamente alto.²²

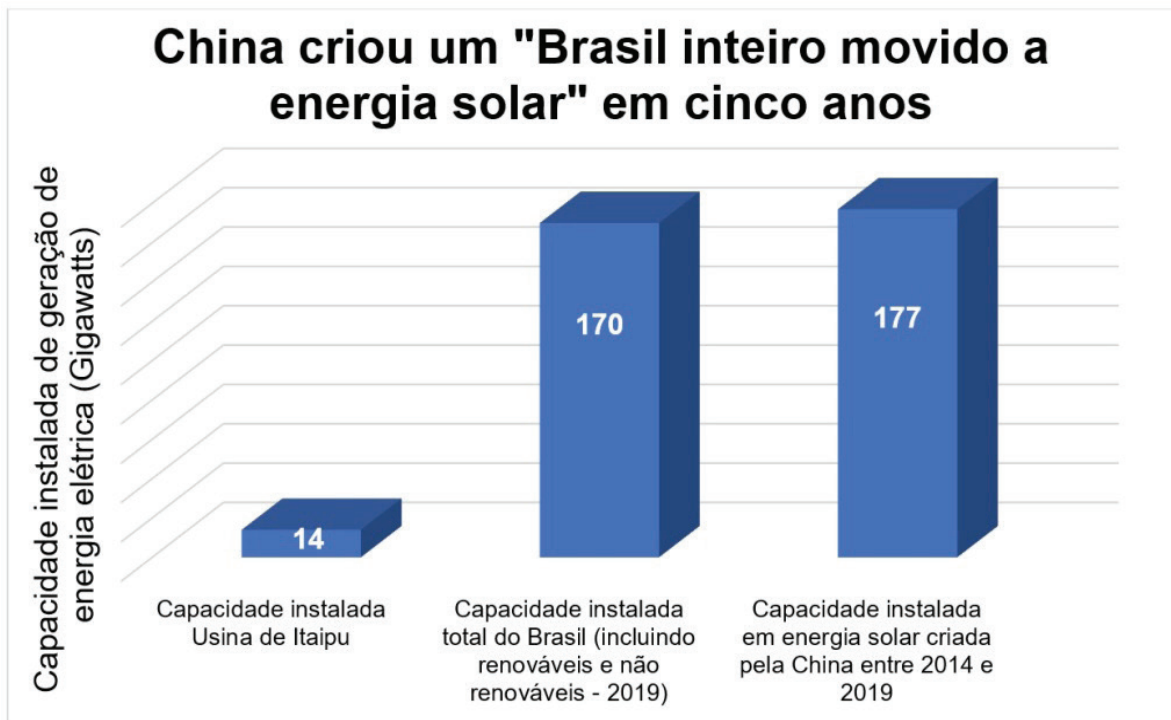
Entretanto, a preocupação do governo chinês com o meio ambiente é real, tanto que em cinco anos construiu uma base de energia solar maior do que toda a capacidade energética atual de renováveis e não renováveis do Brasil até 2019, conforme se pode asseverar no gráfico²³:

²¹ HUNG, Ming-Te; TSAI, Tung-Chieh. Dilemma of choice: China's response to climate change. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 55 (special edition), p. 104-124, 2012.

²² Ibid., p. 107.

²³ MORCEIRO, Paulo. Brasil volta à relação centro-periferia. Valor Adicionado. 2021. Disponível em: <https://valoradicionado.wordpress.com/>. Acesso em: 01 mar. 2022.

Gráfico 1 - China criou um "Brasil inteiro movido a energia solar" em cinco anos



Fonte: Elaborado por Paulo Morceiro e Lourenço Faria para o Blog Valor Adicionado, a partir de dados do IRENA (International Renewable Energy Agency).

No cenário apresentado, pelas preocupações e políticas públicas para conter os danos ambientais já implementadas, não é difícil imaginar um ambiente favorável para a Economia Circular disputar espaço com a Economia Linear. Contudo, pela alta efetividade da indústria chinesa, seja na automotiva, da tecnologia ou de baixo valor agregado, o desafio será estancar alguma possível perda na capacidade produtiva, ou seja, a preocupação não pode ser atingir um mesmo patamar de produtividade, mas sim, mesmo com uma perda produtiva, priorizar mudar a cultura de consumo.

Não é colocar na mesma situação de produtividade a economia circular e linear, mas sim optar pela forma que agrida menos o meio ambiente, priorize a sustentabilidade, pela preservação do planeta, nesse caso, ao que parece seria a Economia Circular, porém existem controvérsias nesse modelo de produtividade econômica.

Na sua teoria monetarista, Marx afirmava que a transformação de mercadorias em dinheiro e novamente a mudança do dinheiro em mercadoria é a forma mais simples de circulação de mercadorias. Segundo Marx,

a simples circulação de mercadorias - vender para comprar - é um meio de realizar um propósito não ligado à circulação, a saber, a apropriação de valores de uso, a satisfação de desejos. A circulação do dinheiro como capital é, ao contrário, um

*fim em si mesma, pois a expansão do valor só ocorre dentro deste movimento constantemente renovado. A circulação de capital, portanto, não tem limites.*²⁴

Marx ainda continua a sua explanação ao sintetizar que o dinheiro é apenas o ponto de troca. Como um carro precisa de combustível, o capitalismo acelera o processo metabólico da sociedade, o rápido desaparecimento de mercadorias da esfera de circulação, e sua substituição igualmente rápida por mercadorias da esfera de circulação, e sua substituição igualmente rápida por mercadorias frescas, por servir ao incessante movimento de obtenção de lucro.²⁵ Nesse cenário definido há duzentos anos e que ainda se impõe, a Economia Circular teria como modificar esse panorama tão inerentemente atrelado à lógica do capitalismo?

A fenda metabólica também apregoada por Marx conceituava uma fratura irremediável na marcha, independentemente do metabolismo social, criando uma hermenêutica quase exata da relação de crise ecológica com o capitalismo.²⁶

Segundo o que foi dito, há uma relação intrínseca entre o capitalismo e a produção de resíduos, ou seja, aumenta o lixo e a exploração de recursos naturais. No entanto, há uma evidente impossibilidade de o planeta aguentar esse nível de exploração nos termos aprofundados pós-Revolução Industrial. A Economia Circular, com todas as suas incongruências e limitações, por não romper com o sistema, somente adequar-se, parece não ser o caminho salvador, mas um caminho a ser tentado.

Se as empresas terão um maior custo na produção, se as energias limpas suportarão a demanda energética mundial ou até mesmo o capitalismo neoliberal iria aprofundar mais ainda o fosso de desigualdade entre as pequenas empresas e as multinacionais, o fato é que uma nova ordem econômica há de surgir e a China, por tudo o que a envolve enquanto mercado e capacidade produtiva em grande escala, deve ser a protagonista nessa mudança.

Como a potência econômica que desponta no novo século, a China, mais do que um laboratório, pode ser uma maquete, um modelo, pronto e acabado de como a Economia Circular deve ser aplicada. Se dará certo, só a necessidade do capitalismo se reinventar ou uma nova ordem econômica a ele se sobrepor, dirá.

²⁴ MARX, Karl. O Capital, Livro I. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 252.

²⁵ Ibid., p. 253.

²⁶ FOSTER, John Bellamy. A teoria de Marx sobre a fissura metabólica: Fundamentos clássicos da sociologia ambiental. Revista Americana de Sociologia, v. 105, n. 2, p. 366-405, 1999.

O comunismo neoliberal chinês

A China difere de tudo o que já foi visto, estudado e analisado no concernente ao crescimento econômico. Após as reformas de 1978²⁷, com a ascensão de Deng Xiaoping ao poder, mesmo conservando aspectos culturais milenares, com uma imensa população camponesa vivendo em área rural, houve um desenvolvimento econômico saindo da receita até então casual da economia mundial da época, ou seja, a privatização de estatais e uma hipervalorização da iniciativa privada. Contrariando as expectativas, a China se abriu à economia internacional, porém com as suas peculiaridades, resguardando os interesses e a atuação do Estado nacional chinês.

Num caminho próprio, a China alcança um avanço tecnológico ancorado num desenvolvimento enquanto Estado nacional. O motor propagador desse crescimento econômico não foi uma Sociedade Anônima (S.A.), num plano capitaneado por um regime político centralizado, independentemente do juízo de valor que se faça. Aliás, a inserção internacional angariada após 1978, na ascensão econômica, atrai uma estabilidade política do regime que, a despeito das críticas, apresenta números convincentes de crescimento.

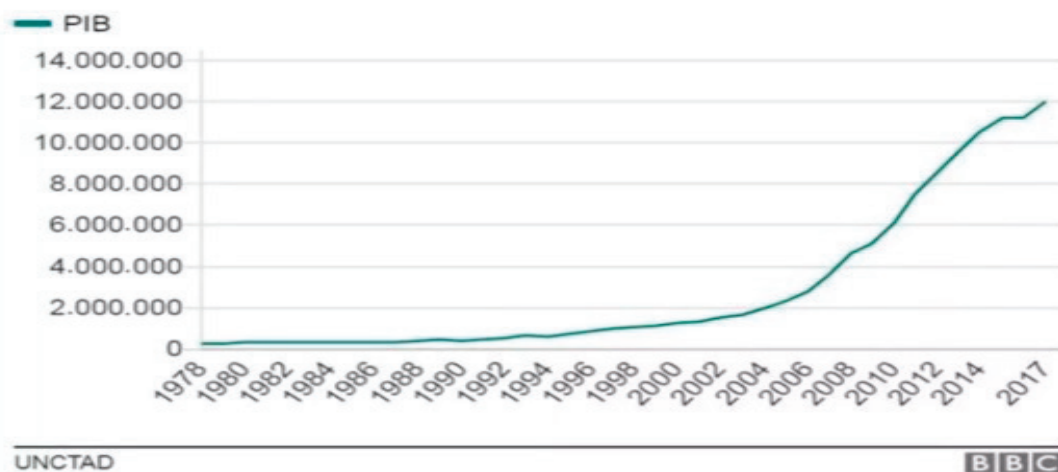
Toda essa teia de especificidades econômicas e políticas que a China apresenta ecoa no Ocidente questionamentos e surpresas, afinal, é plausível que o estado de bem-estar social oriundo da democracia liberal burguesa se impressione com os números chineses, pelo salto num período de pouco mais de trinta anos entre crescimento econômico e inclusão social. Alguns números são trazidos e serão demonstrados nos gráficos abaixo:

²⁷ As reformas de 1978 deram-se na abertura da economia chinesa, contrapondo-se em certa medida à Revolução de 1949, com o intuito de estancar a grave crise que perpassava a China, com o aumento da fome, sem atingir os níveis de igualdade pretendidos, com uma grave defasagem em ciência e tecnologia. A abertura econômica chinesa deu-se por fins específicos, sem seguir, por exemplo, a abertura econômica dos países da América Latina. LOSURDO, 2004, p. 152.

Gráfico 2 - A evolução do PIB chinês

1. Entre 1978 e 2018, o Produto Interno Bruto (PIB) chinês cresceu de US\$ 150 bilhões para US\$ 12,2 trilhões

A evolução do PIB chinês
(Em bilhões de dólares; valores de 2010)

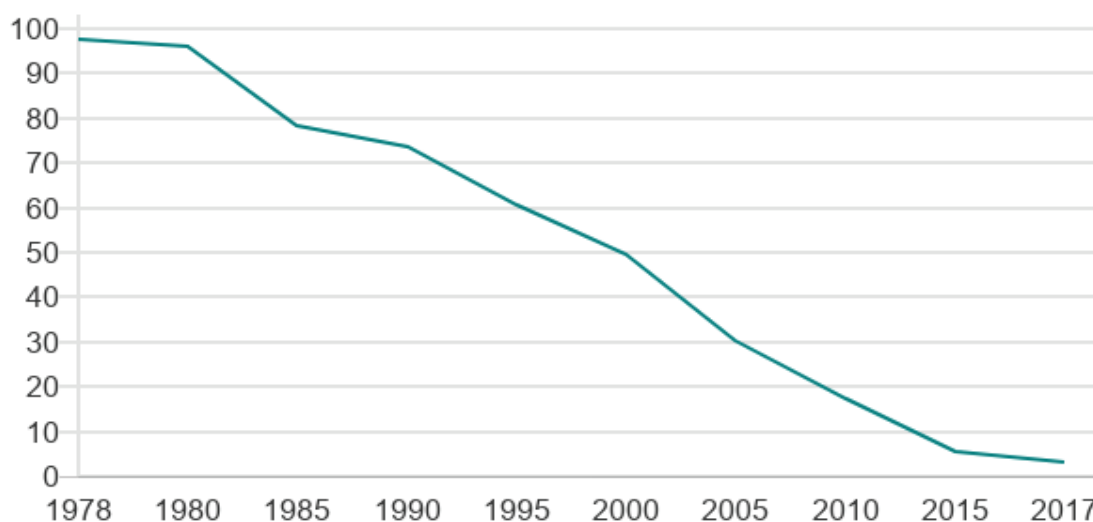


UNCTAD BBC
Evolução do PIB chinês — Foto: Reprodução/BBC

Gráfico 3 - O número de pessoas pobres na China caiu drasticamente

O número de pessoas pobres na China caiu drasticamente

% da população total



Fonte: Bureau Nacional de Estatísticas da China BBC



Os números chineses desafiam qualquer teoria pronta que não se coloque de forma imparcial a investigar os números independentemente das suas predileções pelo regime político ou não. Os dados impressionam e faz do Estado nacional chinês algo único. Os velhos conceitos acadêmicos ocidentais de que o Estado não teria serventia e a solução estaria somente na iniciativa privada tornam-se insustentáveis. A China e os seus números confrontam essa retórica.

Para entender o processo chinês de desenvolvimento é preciso, antes de mais nada, compreender quais são as diferenças entre o modelo econômico chinês e outros existentes mundo afora. Não resta dúvidas de que uma nova simbiose entre Estado e economia surge com o modelo da China. Utiliza-se de um corpo capitalista, neoliberal, mas com uma alma socialista, o que é, ou até o que será, ainda não se sabe, mas certamente é um modelo econômico a ser definido, em busca de uma identidade.

Para começar a compreender essa disposição econômica chinesa ao novo não há como não atentar cuidadosamente para os freios e contrapesos no controle e coordenação estatal que tanto definiram as políticas econômicas sociais e desenvolvimentistas formadas no período pós-Segunda Guerra Mundial. No tocante à intervenção estatal, para auferir a sua capacidade, ocorreram, a partir da década de 1990, dois movimentos na economia da China. O primeiro foi o lançamento do Programa de Desenvolvimento do Grande Oeste, em 1999, que rapidamente se converteu na maior transferência territorial de renda existente até então.²⁹ Esse programa foi um importante passo na unificação do território econômico da China, muito similar com o ocorrido nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX.³⁰ O segundo movimento ocorreu em 2008, como resposta à crise o Conselho de Estado da China anunciou um potente conjunto de estímulos à economia na bagatela de US\$ 586 bilhões - o que, na época, correspondia a 12,6% do PIB.³¹

Esse papel do Estado criou uma construção de institucionalidades, pois novas políticas econômicas foram encetadas pelo Estado.³² A cada ciclo de inovações institucionais ocorreu um aumento qualitativo nas ações estatais, acompanhando o salto quantitativo mercado/setor privado.³³

O neoliberalismo não se coloca a negar o Estado, apenas traz o Estado para os interesses dos grandes grupos econômicos e multinacionais, e o financiamento do setor público geralmente acaba fazendo muito mais do que corrigir falhas do mercado. Por estar mais

29 JABBOUR, Elias. China: infraestrutura e crescimento econômico. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

30 OLIVEIRA, Amaury P. de. O Salto Qualitativo de uma Economia Continental. *Política Externa*, v. 11, n. 4, p. 6-13, 2003.

31 JABBOUR, 2006.

32 JABBOUR, Elias; PAULA, Luiz Fernando de. A China e a 'socialização do investimento': uma abordagem Keynes - Gerschenkron - Rangel - Hirschman. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 22, n.1, 2018.

33 CHONG-En Bai et al. Special Deals from Special Investors: The Rise of State - Connected Private Owners in China. NBER Working Paper, n. 28170, 2020.

disposto a se engajar no mundo da Incerteza Knightiana, investindo em desenvolvimento de tecnologia na etapa inicial, por exemplo, o setor público pode de fato criar novos produtos e os mercados correspondentes.³⁴ É exatamente nessa condição que o Estado chinês se faz presente, entretanto, não para o neoliberalismo controlar o Estado, mas sim o Estado controlar o neoliberalismo.

Tal presságio não é desprezível, pois num período em que a globalização aproxima os Estados-nação, as divisões geográficas já não suficientes para captar as divisões globais e distribuição de produção, acumulação e formas sociais, pois o fluxograma de trabalho e capital se alteraram fortemente, de maneira que já não é possível demarcar as zonas geográficas, Norte e Sul. Os níveis de produção podem existir simultaneamente, dos mais complexos níveis de tecnologia, produtividade e acumulação aos mais baixos, diferenciando-se apenas pelo mecanismo social de controle de cada localidade.³⁵

Na avaliação de Landislau Dowbor,

*faz parte também desta crise civilizatória o desajuste nos espaços. A economia se globalizou, com corporações transnacionais e gigantes financeiros operando em escala mundial, enquanto os governos continuam sendo em grande parte nacionais e impotentes frente aos fluxos econômicos dominantes. Os instrumentos políticos de regulação permanecem fragmentados em cerca de 200 países que constituem o nosso planeta político realmente existente. Com a desorganização que disso resulta, populações inseguras buscam soluções migrando ou apoiando movimentos reacionários que julgávamos ultrapassados.*³⁶

A China praticamente possui um Estado que planifica sua economia em condomínio com o mercado, mas é intransigente nas condições que impõe para resguardar e salvaguardar a sua soberania. Os produtos chineses que invadem as prateleiras mundo afora obedecem rigorosamente à cartilha estatal, da mesma forma as empresas que queiram se instalar no mercado chinês interno.

O neoliberalismo tem como vocação valorizar o capital financeiro, diferentemente de um estado de bem-estar social pautado nas premissas liberais que tem como norte seguro a ser seguido o capital produtivo, no compromisso de gerar empregos e incluir cada vez mais a população na demanda de consumo. A China não é um Estado liberal, mas consegue, até pelo mercado potencialmente consumidor de mais de um bilhão de pessoas, flutuar entre

34 MAZZUCATO, Mariana. O Estado Empreendedor: desmascarando o mito setor público vs setor privado. Tradução: Elvira Serapicas. São Paulo: Porfolio Penguin, 2014. p. 91.

35 HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império. Tradução de Berilo Vargas. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 356.

36 DOWBOR, Ladislau. A Era do Capital Improdutivo: a Nova Arquitetura do Poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Outras Palavras, 2018. p. 10.

quase as premissas de um Estado liberal, mas sem prescindir do controle estatal nos rumos da iniciativa privada.

Nesse diapasão, tal política é sentida nas palavras de Keynes, ao perceber o Estado como indutor, dinamizando o investimento com o intuito de estimular e passar segurança à iniciativa privada para investir e num processo harmonioso entre o público e o privado, que o pleno emprego seja viabilizado.³⁷

A partir desse prisma, o Estado chinês cria os Grandes Conglomerados de Empresas Estatais (GCEE), que avençam características e condições genuinamente típicas, como elenca Elias Jabbour:

- 1) *Em nenhum lugar do atual mundo capitalista grandes e numerosas empresas estatais estão localizadas no núcleo produtivo central;*
- 2) *Em nenhum grande país capitalista do mundo o Estado tem tamanha capacidade de coordenação do investimento por meio de empresas públicas como a China;*
- 3) *Em nenhum país do mundo dezenas de empresas estatais estão a serviço de uma estratégia global que envolva investimentos da ordem de trilhões de dólares, conforme o exemplo do projeto 'Um Cinturão, Uma Rota';*
- 4) *Em nenhum país do mundo o controle sobre este tipo de ativo tem obedecido a critérios puramente políticos e estratégicos em detrimento do lucro, puro e simples.³⁸*

Como se percebe, não é exercício simples rotular a China em corredores ideológicos, quando na verdade parece desenvolver uma ideologia sob medida às suas especificidades. Reduzir o Estado chinês a qualquer nomenclatura é, antes de tudo, ser atraído ao equívoco de não identificar que não existe exceção sem regra. A China é comunista? Pode-se dizer que sim, pois os interesses estatais são prevalentes ao lucro. A China é neoliberal? Pode-se dizer que também é, pois além de produzir uma grande leva de bilionários, a iniciativa privada na China participa da concorrência do mercado global, bem como cada vez mais aportam no Estado chinês, embora com regramentos diferentes, não sentindo essas diferenças na economia globalizada.

O desafio será fazer, de toda essa peculiaridade chinesa, parâmetros diferentes no desenvolvimento econômico que suplantem o modelo de produção exploratório que define o planeta e faz também de forma globalizada, independentemente das peculiaridades lá existentes, sofrerem das mazelas que atingem qualquer outro lugar. Talvez seja também da China que surja um comunismo neoliberal exótico a apontar diretrizes econômicas mais sustentáveis e viáveis para a manutenção da espécie humana.

37 KEYNES, John. A Teoria Geral do Emprego, Juros e Moeda. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970 [1936]. p. 378.

38 JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. China: O Socialismo do Século XXI. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 179.

O mundo do trabalho: em todo canto uma nova exploração

Em decorrência dos efeitos da globalização, as condições de trabalho no âmbito internacional cada vez mais têm sido objeto de atenção. Os efeitos transnacionais das legislações trabalhistas urgem a necessidade de padronizar a vigilância diante das precárias condições de trabalho que se alastram. Não é incomum que empresas busquem sítios em que legislações trabalhistas sejam mais frouxas, aliás, prática muito recorrente e consequência direta do mercado global.

Não é absurdo por isso achar que a globalização é uma espécie de nova colonização, pois guiada pela bússola da mais-valia e lucro da iniciativa privada, desenvolve uma relação com o Estado de aproveitamento ao máximo das suas debilidades institucionais e até as fragilizando para fazer da desregulação a sua regra. Todo esse enredo é potencializado ainda mais sob a batuta do neoliberalismo.

Na geopolítica global o neoliberalismo, para além dos interesses pactuados no estado de bem-estar social, é concessão civilizatória feita pela burguesia liberal. Há um desmantelamento por inteiro do tecido social do Estado. A lógica deixa de ser qualquer pacto que envolva as condições de trabalho, por exemplo, para atender aos ditames liderados pelo capital financeiro. Hoje é a lógica da finança globalizada que delimita o território ocupado pelas opções da política democrática. A China pode-se dizer que é uma exceção, pois o neoliberalismo se encontra em um panorama praticamente padrão quanto aos direitos, garantias e condições de trabalho, encontra um regime político ativo no sentido de não se deixar subverter por inteiro às lógicas neoliberais.³⁹

Apesar do neoliberalismo ter uma relação, até pela sua própria vocação, amistosa com o autoritarismo, não é causal que o pensamento neoliberal se curve às vontades de um regime político centralizado, quando esse regime tem como prioridade as prerrogativas enquanto Estado. Na China, a prática neoliberal encontra o Estado como advogado dos interesses que muitas vezes contrariam a lógica do mercado.

A identificação entre o poder político e o poder econômico faz do mercado e dos detentores do poder econômico os principais (quando não, únicos) beneficiários das ações políticas. A governabilidade neoliberal não reserva preocupação com o “comum”, incentiva o “cada um por si” e tão somente a busca pelo prazer individual. As pessoas são estimuladas a se perceberem como uma pessoa jurídica, com a simples preocupação de eliminar a concorrência, em detrimento da solidariedade e dos projetos coletivos.⁴⁰

³⁹ BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel. Manda Quem Pode, Obedece Quem Tem Prejuízo. São Paulo: FACAMP, Contracorrente, 2017. p. 183.

⁴⁰ CASARA, 2018, p. 50-51.

Por exemplo, a dificuldade que o mundo enfrenta na geração de empregos não é tão somente pela reformulação no mercado de trabalho como consequência dos efeitos da tecnologia. É o resultado da lógica neoliberal. A supressão de direitos trabalhistas mundo afora e a redução das vagas de emprego formam o pedágio exigido pelo lucro almejado principalmente no mercado financeiro.

Segundo Belluzzo e Galípolo, há dicotomia que retrata bem a lógica neoliberal, pois enquanto o desemprego global avançou nos países denominados desenvolvidos, o trabalho se intensificou nas regiões receptoras da produção manufatureira. A financeirização em demasia do mercado contribuiu com os conglomerados internacionalizadas ante a massa de uma classe trabalhadora cada vez mais precarizada. A abertura do mercado e o acirramento da concorrência entre empresas de maior e menor porte são requisitos que favorecem o monopólio e debilitam a força das entidades sindicais e em consequência os trabalhadores “autônomos” são considerados um obstáculo à operação das leis de concorrência, como reza a cartilha neoliberal.⁴¹

A financeirização responde como principal vetor de todo esse colapso que atinge diretamente o mercado de trabalho no mundo. Enquanto o capitalismo dominante busca soluções *strictu sensu* para sair da crise, ou seja, a curto prazo tão somente para reconstituir a dominação dos oligopólios, a classe trabalhadora necessita de um projeto *latu sensu*, que desenvolva uma política de Estado com perspectiva de não somente salvar a economia para o agora, mas garantir emprego para o futuro.

Na China, de todas as contradições que a cercam, os direitos, garantias e condições de trabalho têm sido objeto de profundo debate. Diz-se que todo o crescimento econômico chinês é oriundo da exploração da mão de obra da classe trabalhadora, afirmação polêmica e no estudo conduzido por Pun Ngai, Jenny Chan e Mark Selden tem-se uma interessante análise:

*A China merece uma nota especial. Lá encontramos, neste início do século XXI, altas taxas de greves, uma vez que as engrenagens do capitalismo das transnacionais estão levando ao extremo os níveis de superexploração da classe trabalhadora. As causas são várias, e o exemplo da Foxconn é elucidativo. Fábrica do setor de informática e das tecnologias da comunicação, a Foxconn é um exemplo de *electronic contract manufacturing (ECM)*, modelo de empresa terceirizada responsável pela montagem de produtos eletrônicos para Apple, Nokia, entre várias outras transnacionais. Em sua unidade de Longhua (Shenzhen), onde são fabricados os iPhones, ampliaram-se desde 2010 os suicídios de trabalhadores, em sua maioria denunciando a intensa exploração do trabalho ao qual estão submetidos. [...] A tragédia da Foxconn foi de tal intensidade que, nos primeiros oito meses daquele*

41 BELLUZZO; GALÍPOLO, 2017, p. 182.

ano, 17 jovens trabalhadores⁴² entre 17 e 25 anos tentaram suicídio, dos quais 13 morreram. O triunfo comercial da Apple reside, em grande parte, na terceirização da produção de seus eletrônicos para a Ásia (e para a Foxconn em particular), que, apenas na China, empregava naquele período cerca de 1,4 milhão de trabalhadores. Desde o final da década de 1970, a China estabeleceu zonas econômicas especiais para atrair capital estrangeiro, o que levou a Apple a buscar essas grandes empresas de terceirização a fim de reduzir custos e ampliar mercados. A Foxconn não só possuía complexos fabris em Shenzhen, mas em mais de quinze províncias por todo o país. Além disso, todos os produtos de hardware da Apple são manufaturados por parceiros terceirizados localizados principalmente na Ásia.⁴³

A China, mesmo se colocando e sendo governada por um partido comunista, não foge à regra da exploração que o capitalismo impõe. As condições de trabalho enfrentam a padronização da precarização vista mundo afora e aprofundada ainda mais pelo modelo neoliberal. Não à toa os suicídios comentados expõem a face cruel da desumanização vista no ambiente laboral. O mercado chinês nesse ponto não seguia qualquer cartilha comunista, aliando-se totalmente às nuances capitalistas.

Por ora, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) aduz que o trabalho humano não pode ser coisificado e tem no artigo 427 do Tratado de Versalhes o início da internacionalização dos direitos trabalhistas. A Declaração da Filadélfia, inclusive, foi o marco da não mercantilização do trabalho, incorporado aos princípios da OIT. Há também a Declaração Tripartite de Princípios sobre Empresas Multinacionais e Política Social, em 1977, emendada em 2000, que trata exatamente das condições de trabalho e de vida; segurança e saúde; relações de trabalho; liberdade sindical e direito de sindicalização.⁴⁴

O mundo do trabalho passa por transformações em níveis globais. Fatores como a flexibilização ou a terceirização do trabalho atendem a uma necessidade de menor custo para a produção em cima de uma maior pretensa garantia aos trabalhadores que porventura se pudesse ter.

42 NGAI, Pun; CHAN, Jenny. "The Advent of Capital Expansion in China: a Case Study of Foxconn Production and the Impacts on its Workers". 2012. Disponível em: http://rdln.files.wordpress.com/2012/01/pun-ngai_chan-jenny_onfoxconn.pdf. Acesso em: 18 jan. 2020; NGAI, Pun; CHAN, Chris King-Chi; CHAN, Jenny. "The Role of the State, Labour Policy and Migrant Workers Struggles in Globalized China". *Global Labour Journal*, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: https://sacom.hk/wp-content/uploads/2013/07/2010GlobalLaborJournal-PN.CC.JC_.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

43 NGAI, Pun; CHAN, Jenny; SELDEN, Mark. "The Politics of Global Production: Apple, Foxconn and China's New Working Class". *The Asia Pacific Journal: Japan Focus*, ed. 32, v. 11, n. 2, ago. 2013. Disponível em: <https://apjif.org/2013/11/32/Mark-Selden/3981/article.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.

44 FRIEDRICH, Tatyana Scheila; OLIVEIRA NETO, Alberto Emiliano de. Empresas Transnacionais e Trabalho Precário. In: POLIDO, Fabrício Bertini Pasquot; BARBATO, Maria Rosaria; MOURA, Natália das Chagas (Org.). *Trabalho, Tecnologias e os Desafios Globais dos Direitos Humanos, Estudos e Perspectivas Críticas*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019. p. 333-346.

Na China, os fornecedores de eletrônicos são pautados por uma forte competição entre eles, com o intuito de atender tanto às demandas de mercado quanto ao binômio tempo de produção e à qualidade do produto no sentido de baratearem os preços, o que representa riscos salariais e riscos à saúde da classe operária. Inclusive, esse cenário em julho de 2009 foi consequência de um suicídio. O jovem operário Sun Danyong, 25 anos de idade, foi responsabilizado pela perda de um dos protótipos do Iphone 4 e jogou-se do 12º andar da Foxconn.⁴⁵

Desde então as reivindicações por melhorias nas condições e garantias de trabalho servem como denúncias da pesada exploração sofrida pelos trabalhadores de uma forma geral. As greves e manifestações de revolta, mesmo assim, não impediram três novos suicídios de funcionários da mesma empresa da unidade de Zhengzhou, ocorridos em 2013.⁴⁶

Toda essa situação faz com que as relações e as prestações de trabalho sejam pautadas por uma robotização. Com troca da mão de obra humana pela máquina, postos de trabalho vão sendo modificados ou até extintos, e novos surgem. A cobrança por resultados e o receio de ficar desempregado em um mundo cada vez mais concorrido trazem às relações de trabalho uma pressão que se reflete em apenas ceder os direitos para se manter o emprego.

Uma nova realidade também se abre com imigração em massa. O capital, como é de sua natureza, molda-se a essa mão de obra mais perene, nômade, principalmente nesse aproveitamento de maneira informal. Mãos de obra muitas vezes qualificadas, que não conseguem emprego em seu país de origem, vão atrás de melhores oportunidades em países com uma maior vocação de oferta no mercado de trabalho. Importante mencionar também os trabalhadores menos qualificados que orbitam os trabalhos mais braçais nos países de moeda forte.⁴⁷

Permitindo-se um recorte da classe trabalhadora contemporânea, a força de trabalho vendida pelo salário sofreu uma abrupta mudança na comparação com a primeira metade do século XX. Se antes os movimentos fabris eram mais setorizados, ou seja, cada categoria lutando pelos seus direitos, atualmente, percebe-se uma necessidade de integração maior nas lutas coletivas.

A financeirização como principal vetor para se fazer o dinheiro circular, além de concentrar mais ainda a riqueza, asfixia o consumo, afeta o capital produtivo e, conseqüentemente, inibe a geração de emprego.

45 ANTUNES, Ricardo. O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 29.

46 NGAI; CHAN, 2012; NGAI; CHAN; CHAN, 2010.

47 BOSCO, Pietro; PEROCCHI, Fabio. Gli immigrati in Europa: diseguaglianze; Razzismo di statto: stati unit, Europa, Itália (Milão, Angeli), 2010. p. 31.

Desde 2008, com exceção da China, o crescimento econômico dos países foi seriamente afetado. Os Estados Unidos, locomotiva da economia global até então, e demais países do capitalismo central sentiram, e ainda sentem, os efeitos da crise financeira com a supressão dos empregos formais nos moldes do taylorismo e fordismo, tão difundidos no século XX. Os direitos sociais conquistados pelos movimentos operários mundo afora são abduzidos por formas precárias de relação trabalhista em escala global, sem contar a explosão de desempregados que são desalojados do mercado e recorrem à informalidade.

Para István Mészáros, o aprofundamento e inserção da aventura especulativa e financeira, sobretudo nas últimas três ou quatro décadas, tem consequência direta e imediata na crise das cadeias produtivas industriais. Como consequência direta há a expansão em níveis mundiais do desemprego. Talvez a ironia esteja em esperar do próprio Estado capitalista a solução para essa desordem econômica que causa a tragédia social do abandono da miséria, pois a relação predatória da indústria com os recursos naturais não é um mero dado, mas uma evidência empírica desse “desenvolvimento” que depõe contra a própria existência humana.⁴⁸

A crise atual do sistema capitalista tornou os Estados reféns dos grandes potentados privados devido ao endividamento público, e com isso se tornaram estéreis na capacidade de regular o sistema financeiro em interesse da sociedade. Ou seja, os grandes grupos financeiros do globo terrestre estão avocando para si os instrumentos do controle político. Não são apenas os efeitos de uma simples oligopolização, mas sim uma cadeia estruturada de financeirização global e o seu poderio.

Nesse cenário, tem-se uma classe trabalhadora cada vez mais setorizada nas suas reivindicações agudizada mais ainda com o advento do neoliberalismo. Dividir a classe trabalhadora fragilizava a organização da luta por direitos e facilitava a manutenção dos interesses dos donos dos meios de produção, ou seja, do capital.

Gilles Lipovetsky⁴⁹ defende que as relações interpessoais não são respeitadas pelas condições de relações autoritárias e hierárquicas. Dentro do sectarismo das tantas categorias da classe trabalhadora, a movimentação ou mobilização cada vez mais atenderá a um padrão individual ou segregado em que restará o individualismo tão somente pelo individualismo, isto é, a luta de si mesmo por si mesmo.

Diante dessa nova lógica da relação capital x trabalho, István Mészáros aduz que o trabalho, devido até a construção cultural imposta pela sociedade industrial de atrelar dignidade à sua atividade laboral, constitui-se, em alguns casos, a manifestação de sua própria vida. Adquire traços de mercadoria que vende ao dono da sua força de trabalho, e aí indaga-se:

48 MÉSZÁROS, István. A Crise Estrutural do Capital. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 14.

49 LIPOVETSKY, Gilles. El crepúsculo del deber. Barcelona: Anagrama, 1994.

esse trabalhador ou trabalhadora também estaria vendendo a sua dignidade? Tudo muito subjetivo. Certamente, esse operário ou operária que durante doze horas tece, fura, drila, constrói, quebra pedras, carrega pesos etc. não considera esse período de labor como uma manifestação de vontade sua, ao contrário, a vida começa para ele quando essa atividade cessa; começa na mesa, no bar, na cama, ou seja, o trabalho é apenas um meio, não um fim.⁵⁰

Para agravar essa situação, os estudos de John H. Goldthorpe e seus auxiliares, após dois anos de uma pesquisa de campo com os operários da fábrica de Vauxhall de Luton, concluiu que quando os trabalhadores se sentiam satisfeitos com o patamar financeiro conquistado, incorporavam-se ao sistema político dominante burguês, perdendo qualquer referência de consciência de classe.⁵¹

O momento vivido pelos trabalhadores chineses é de perceber as reivindicações começarem a surtir efeito e a precarização do trabalho enfrentada. A informalidade atual foi capturada pelo que se convencionou chamar da gig economy.⁵² Essa economia traz um grande malefício à conscientização e ao reconhecimento enquanto classe trabalhadora, em virtude do distanciamento propiciado pelas plataformas que maquiavam uma subordinação, em detrimento de uma suposta parceria. Esse processo resulta, como não poderia deixar de ser, numa dificuldade de as entidades sindicais intervirem.

O governo chinês não prescinde do investimento e do fomento na pesquisa em ciência, tecnologia e inovação. As mudanças tecnológicas iniciadas ainda no final dos anos de 1970, alavancadas e estruturadas com êxito nos últimos vinte anos, foram a base da absorção e desenvolvimento de novas tecnologias. Com tratamento especial, as áreas de ciência, tecnologia e inovação (CT&I) foram compreendidas e adotadas como essenciais para o desenvolvimento econômico e designadas a ocupar posição privilegiada nos planos do governo chinês.⁵³

O problema das precárias condições nas relações de trabalho chinês não vem da influência da tecnologia, mas sim de uma grande necessidade de produção, alinhada com outra necessidade de se gerar emprego em decorrência da sua grande população e extensão territorial. No entanto, a prova é tanta que exatamente no momento atual a China atravessa uma maior cobrança por melhorias nas condições dos trabalhadores chineses.

50 MÊSZÁROS, Istevan. Teoria da Alienação em Marx. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 112.

51 GOLDTHORPE, John H.; LOCKWOOD, David; BECHHOFFER, Frank; PLATT, Jennifer. The Affluent Worker: Industrial Attitudes and Behavior. Londres: Cambridge University Press, 1968. p. 101.

52 Gig economy é o termo utilizado para a sobrevivência de bicos, contratos de trabalho de curto prazo ou atividade ou de trabalho autônomo. Caracteriza-se sobremaneira por ser um efeito global. DE STEFANO, Valerio. The rise of the “just in time workforce”: On demand work, crowdwork and labour protection in the “gig economy”. Inclusive Labour Markets, Labour Relations and Working Conditions Branch. Genebra: International Labour Organization, 2016. p. 1.

53 ARBIX; MIRANDA; TOLEDO; ZANCUL. Made in China 2025 e Industrie 4.0: A difícil transição chinesa do catching up à economia puxada pela inovação. Tempo Social, revista da sociologia da USP, v. 30, n. 3, 2018.

Na gig economy existe uma evidente coerção ideológica e material que forçam os trabalhadores a entrar na troca temporal produtiva - reprodutiva, permanecendo e se aprofundando em novas formas de apropriação coletiva e individual.⁵⁴

Inclusive na tentativa da China em se aproximar mais do Ocidente, tende a abrir a pauta política para um direito mais universal, ou seja, acompanhar as tratativas de uma maior inserção em direitos sociais. Com uma economia cada vez mais globalizada e numa disputa hegemônica com os Estados Unidos, o governo chinês, apesar de continuar centralizado, percebe a necessidade desse gesto político.

Nesse sentido, Ray Kiele faz o seguinte relato:

The idea of universal rights has been challenged on three related grounds. First, that there is no such thing as natural law, and that rights can only ever be established through states granting civil liberties to individuals. Rights are therefore historically specific and only exist within particular social and political communities. This point is not necessarily an argument against the desirability of human rights, but it is based on a recognition that they must be grounded in social and political realities. Second, the argument is often made that rights are too selective, and that their origins in western, individualist liberal thought means that social, economic and collective rights tend to be ignored. These include the 'positive rights' identified by Berlin (1969), such as the right to a basic income, food, clothing and shelter. 'Negative' freedoms, based on the right to exercise individual autonomy from the state, through ownership of private property, free speech and so on, do not guarantee these rights. Indeed, because of the inequalities associated with ownership of private property - advocated by liberal rights theory - some critics argue that individual rights actually undermine collective rights. These points lead to a third objection, which is that 'universal rights' are nothing of the sort, and that the claim to universalism is actually made to justify western rights over other ideas about rights. This ignores not only the different social context identified by the first criticism, but also the very different cultural values that exist in the world order - a critique we have already come across in Chapter 3, in the context of 'communitarian' and 'local' critiques of cosmopolitanism.⁵⁵

Em um mundo cada vez mais globalizado, as perspectivas críticas diante das relações de trabalho na contemporaneidade, num país da importância geopolítica global como a China, não podem ser simplesmente analisadas de forma isolada. Nessa nova ordem mundial é fundamental que as condições de trabalho chinesas estejam no epicentro da

⁵⁴ MÁXIMO, Flávia. Gig Economy e temporalidade do labor: tecnologias disruptivas e seus impactos na classe que vive do trabalho apud POLIDO, Bertini Pasquot Fabrício (Org.); BARBATO, Maria Rosaria; MOURA, Natália das Chagas. Trabalho, Tecnologias e os Desafios Globais dos Direitos Humanos, Estudos e perspectivas críticas. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2019. p. 33.

⁵⁵ KIELY, Ray. Empire in the age of Globalization, US and Hegemony and neoliberal. London: Pluto Press, 2005. p. 134.

discussão, não só pelo amplo mercado interno de mão de obra demandante, mas pelo que de lá pode sair de novas práticas nas relações de trabalho a impactar o restante do mundo.

A China, pelo parque industrial que ostenta, pode desempenhar um importante papel no maior equilíbrio entre o capital x trabalho. Até porque não se espera uma trégua do neoliberalismo de países com um Estado fraco, algo que definitivamente não é o caso da China, com um Estado forte e atuante direto nos rumos da economia.

CONCLUSÃO

A busca de uma nova reconfiguração de desenvolvimento econômico, capitaneada pela China, será marcada por debates e desconstruções de mundo hoje postas e que aparenta estar consolidada. O planeta demonstra não suportar os termos da exploração do meio ambiente. O método destrutivo de produzir encontra na finitude dos recursos naturais o limite que o capitalismo parece não ter.

Alternativas como a economia circular são propostas, mas talvez não passem apenas de alternativas e não de soluções que venham para propor um novo pacto de relação e produção com o planeta. E não há como pensar num novo modo de produção sem atentar para as relações de trabalho.

A China, pelo protagonismo e a potência que emerge para se consolidar como a principal no século XXI, tem nas relações de trabalho, sempre muito contestadas pela comunidade internacional, uma das vitrines para criar uma pauta mais positiva e que se inclua numa legislação internacional. A tecnologia não chega para competir com os direitos trabalhistas.

Há uma falsa premissa de que a tecnologia induz e é grande causadora da precarização nas relações trabalhistas, o que não é verdade. O interesse da retirada de direitos trabalhistas é do neoliberalismo.

As relações de trabalho culturalmente conhecidas desde a Revolução Industrial se colocam a defender um modelo de reprodução em que a busca pela mais-valia muitas vezes afaste o bom senso que se deveria esperar na compra da mão de obra alheia. E o neoliberalismo esgarça ainda mais, trazendo ainda mais contradição ao ambiente laboral.

A China se incumbirá de assumir um protagonismo em toda essa reconfiguração que se busca no modelo econômico, quebrando paradigmas, assim como já faz quando, dentro de um regime político tido como comunista, desenvolve um capitalismo que a coloca também como um país capitalista a não deixar a dever em nada a qualquer país ocidental.

Mais do que um país sem receio de rótulos, espera-se da China não apenas uma liderança

de uma nova ordem mundial, mas que traga práticas em que coloque as relações de trabalho e o próprio capitalismo para pensar no planeta não como refém do consumo, e sim aliado do bem-estar e de uma vida com padrões civilizatórios que não seja pautada pelo mercado, mas sim pela necessidade de um bem viver que não passa apenas pelo ter.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ARBIX, Glauco; MIRANDA, Zil; TOLEDO, Demétrio; ZANCUL, Eduardo. Made in China 2025 e Industrie 4.0: A difícil transição chinesa do catching up à economia puxada pela inovação. *Tempo Social, revista da sociologia da USP*, v. 30, n. 3, 2018.
- ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: Origens e Fundamentos do Século XXI. 2ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel. Manda Quem Pode, Obedece Quem Tem Prejuízo. São Paulo: FACAMP, Contracorrente, 2017.
- BOSCO, Pietro; PEROCCO, Fabio. Gli immigrati in Europa: diseguaglianze; Razzismo di statto: stati unit, Europa, Itália (Milão, Angeli). 2010.
- CASARA, Rubens R. R. Estado Pós-Democrático, Neo Obscurantismo e Gestão dos Indesejáveis. 3. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.
- CHONG-En Bai et al. Special Deals from Special Investons: The Rise of State - Connected Private Owners in China. NBER Woerking Paper, n. 28170, 2020.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A Nova Razão do Mundo: Ensaio Sobre a Sociedade Neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE STEFANO, Valerio. The rise of the “just in time workforce”: On demand work, crowdwork and labour protection in the “gig economy”. Inclusive Labour Markts, Labour Relations and Working Conditions Branch. Genebra: International Labour Organization, 2016.
- DOWBOR, Ladislau. A Era do Capital Improdutivo: a Nova Arquitetura do Poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Outras Palavras, 2018.
- FOSTER, John Bellamy. A teoria de Marx sobre a fissura metabólica: Fundamentos clássicos da sociologia ambiental. *Revista Americana de Sociologia*, v. 105, n. 2, p. 366-405, 1999.
- FRIEDRICH, Tatyana Scheila; OLIVEIRA NETO, Alberto Emiliano de. Empresas Transnacionais

e Trabalho Precário. In: POLIDO, Fabrício Bertini Pasquot; BARBATO, Maria Rosaria; MOURA, Natália das Chagas (Org.). Trabalho, Tecnologias e os Desafios Globais dos Direitos Humanos, Estudos e Perspectivas Críticas. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019. p. 333-346.

GOLDTHORPE, John H.; LOCKWOOD, David; BECHHOFFER, Frank; PLATT, Jennifer. The Afluent Worker: Industrial Attitudes and Behavior. Londres: Cambridge University Press, 1968.

GORZ, A. Ecologia como política. South End Press: Boston, 1980.

GHISELLINI, Patrizia; CIALANI, Catia; ULGIATI, Sergio. Uma revisão sobre economia circular: a transição esperada para uma interação equilibrada dos sistemas ambientais e econômicos. J. Limpeza. Prod., v. 114, p. 11-32, 2016. <https://doi.org/10.1016/J.JCLEPRO.2015.09.007>

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império. Tradução de Berilo Vargas. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

HARVEY, David. A Loucura da Razão Econômica, Marx e o Capital no Século XXI. São Paulo: Boitempo, 2019.

HUNG, Ming-Te; TSAI, Tung-Chieh. Dilemma of choice: China's response to climate change. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 55 (special edition), p. 104-124, 2012.

IANNI, Octavio. O Colapso do Populismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1994.

JABBOUR, Elias. China: infraestrutura e crescimento econômico. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. China: O Socialismo do Século XXI. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

JABBOUR, Elias; PAULA, Luiz Fernando de. A China e a 'socialização do investimento': uma abordagem Keynes - Gerschenkron - Rangel - Hirschman. Revista de Economia Contemporânea, v. 22, n.1, 2018.

KEYNES, John. A Teoria Geral do Emprego, Juros e Moeda. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970 [1936].

KIELY, Ray. Empire in the age of Globalization, US and Hegemony and neoliberal. London: Pluto Press, 2005.

KISSINGER, Henry. Sobre a China. 6ª reimpressão. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

- LIPOVETSKY, Gilles. *El crepúsculo del deber*. Barcelona: Anagrama, 1994.
- LOSURDO, Domenico. *Fuga da História? A Revolução Russa e a Revolução Chinesa Vistas de Hoje*. 2ª Reimpressão. Tradução de Luiz Mario Gazzaneo e Carolina Muranaka Saliba. Rio de Janeiro: Renavan, 2004, fev. 2020.
- MARX, Karl. *O Capital, Livro I*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MAZZUCATO, Mariana. *O Estado Empreendedor: desmascarando o mito setor público vs setor privado*. Tradução: Elvira Serapicas. São Paulo: Porfolio Penguin, 2014.
- MÉSZÁROS, István. *A Crise Estrutural do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- MÉSZÁROS, István. *Teoria da Alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MORCEIRO, Paulo. *Brasil volta à relação centro-periferia. Valor Adicionado*. 2021. Disponível em: <https://valoradicionado.wordpress.com/>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- NGAI, Pun; CHAN, Jenny. “The Advent of Capital Expansion in China: a Case Study of Foxconn Production and the Impacts on its Workers”. 2012. Disponível em: http://rdln.files.wordpress.com/2012/01/pun-ngai_chan-jenny_onfoxconn.pdf. Acesso em: 18 jan. 2020.
- NGAI, Pun; CHAN, Chris King-Chi; CHAN, Jenny. “The Role of the State, Labour Policy and Migrant Workers Struggles in Globalized China”. *Global Labour Journal*, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: https://sacom.hk/wp-content/uploads/2013/07/2010GlobalLaborJournal-PN.CC.JC_.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.
- NGAI, Pun; CHAN, Jenny; SELDEN, Mark. “The Politics of Global Production: Apple, Foxconn and China’s New Working Class”. *The Asia Pacific Journal: Japan Focus*, ed. 32, v. 11, n. 2, ago. 2013. Disponível em: <https://apjjf.org/2013/11/32/Mark-Selden/3981/article.html>. Acesso em: 18 jan. 2020.
- OLIVEIRA, Amaury P. de. *O Salto Qualitativo de uma Economia Continental*. *Política Externa*, v. 11, n. 4, p. 6-13, 2003.
- POLIDO, Bertini Pasquot Fabrício (Org.); BARBATO, Maria Rosaria; MOURA, Natália das Chagas. *Trabalho, Tecnologias e os Desafios Globais dos Direitos Humanos, Estudos e perspectivas críticas*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2019.
- REFORMAS econômicas: 9 gráficos que mostram a transformação da China em 40 anos. *BBC News Brasil*. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46599555>. Acesso em: 02 mar. 2022.
- RIP, Arie; VOß, Jan-Peter. *Umbrella Terms as Mediators in the Governance of emerging*

Science and Technology. *Science, Technology and Inovador Studies.*, 9, p. 39-59, 2013.

RONCATO, Mariana Shinohara. *Dekassegui, ciber refugiado e working poor: o trabalho imigrante e o lugar do outro na sociedade de classes.* 2013. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2013.

STREECK, Wolfgang. *Tempo Comprado: A Crise Adiada do Capitalismo Democrático.* 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.